



“VIADO GOSTA É DE FESTA”? : UMA ANÁLISE DOS DISCURSOS QUE CONSTROEM IDENTIDADES DE GÊNERO FLUIDAS.

Jéssica Lopes Fachinetto¹

Resumo: Este trabalho é um estudo sobre o Movimento Universitário em Defesa da Diversidade Sexual (MUDD*Se) que atua na Universidade Federal de Juiz de Fora/MG e é composto por estudantes de diferentes cursos de graduação. O grupo tenta combater a homofobia no âmbito universitário, promovendo eventos que abordem temas relativos à sexualidade e às discriminações de gênero. Está sendo realizada uma etnografia com o grupo desde maio de 2011. Neste trabalho, importa compreender gênero como uma categoria fluida, reconstruída cotidianamente no seio do movimento, em interação com outras categorias como sexualidade e idade. Importa também perceber como o grupo, universitário, concilia militância e academia, lidando com as tensões inerentes à necessidade de definir um sujeito político para a luta por direitos ao mesmo tempo em que pensa divergências epistemológicas e vivencia a desconstrução dessas mesmas categorias no campo teórico. Além disso, é observado como se constroem as relações do grupo MUDD*Se com outras entidades, tais como ONGs, órgãos financiadores, comunidade acadêmica, outros grupos militantes e núcleos de pesquisa, a fim de compreender como o grupo transita entre esses diferentes espaços. Nesse sentido, a participação do grupo em eventos locais, regionais e nacionais é tematizada juntamente com uma análise acerca da dinâmica interna do grupo. No campo teórico, este estudo utiliza especialmente Geertz, Scott e Butler, apoiando-se também em trabalhos de Regina Facchini e Maria Luiza Heilborn.

Palavras-chave: identidades fluidas de gênero; movimento LGBT; teorias *queer*;

O presente trabalho tem por objetivo refletir, a partir de etnografia² com o grupo MUDD*Se (Movimento Universitário em Defesa da Diversidade Sexual) da UFJF (Universidade Federal de Juiz de Fora), questões que perpassam a militância LGBT universitária. Para compreendê-la, começo apresentando o grupo e expondo brevemente suas relações externas (com outras entidades – ONGs, comunidade acadêmica, outros grupos militantes e núcleos de pesquisa) e internas (organização horizontal e, depois, com sistema de diretoria rotativa, além dos mecanismos de diferenciação ou afirmação

¹ Mestranda em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Bolsista Capes. jessica_fachinetto@hotmail.com.

² A etnografia está sendo realizada desde maio de 2012 e, como descrição densa, tem como referencial Geertz (1989): “(...) o comportamento humano é visto como ação simbólica (...) – uma ação que significa, como a fonação na fala, o pigmento na pintura, a linha na escrita, ou a ressonância na música. (...) O que devemos indagar é qual é a sua importância: o que está sendo transmitido com a sua ocorrência e através da sua agência, seja ela um ridículo ou uma desafio, uma ironia ou uma zanga, um deboche ou um orgulho.”

de igualdade entre os membros). A partir daí, torna-se possível perceber a dificuldade de conciliar a afirmação de um sujeito (Lésbica, Gay, Bissexual, Transexual, Travesti e Transgênero) no campo da busca por direitos, e a desconstrução desses mesmos sujeitos no campo teórico, que experimenta uma *desessencialização* das categorias. Desse modo, chego à questão principal que norteia a pesquisa: compreender gênero³ como uma categoria fluida, onde os atores estão sempre em trânsito. Para conseguir desenvolver um tema tão árduo em limitado espaço a partir de uma pesquisa que, apesar de ainda carente de amadurecimento em diversos pontos, já se encontra relativamente extensa, pretendo partir de uma única afirmação, que ouvi categoricamente em campo diversas vezes: “Viado gosta é de festa.” Percebi que essa fala era recorrente, e indaguei se ela poderia engendrar questões fulcrais a respeito de meu objeto. Agora, a partir de elementos da Análise do Discurso, pretendo refletir acerca dos possíveis significados da afirmação de que “Viado gosta é de festa” e compreender como essa frase, em diversos contextos, engendra questões observadas e pode servir de base para uma reflexão a respeito da militância LGBT estudantil em um grupo mineiro. Como resultado, demarco três paradoxos fundantes da expressão “Viado gosta é de festa”, sendo o primeiro relativo à impossibilidade, subjacente à frase (quando observado o contexto em que é dita), de conjugar militância ou academia à noção estereotipada de viado boêmio e festeiro presente no senso comum, inclusive, em alguma medida, no senso comum do próprio grupo LGBT universitário. O segundo é uma tentativa de localizar onde estaria o militante que fala, no sentido de questionar em que medida ele se enquadra (ou não) no sujeito da frase (o viado). Por último, saliento a relação de poder⁴ presente na frase, que utiliza um termo relativo à categoria sabidamente dominante dentro do grupo (os homens gays) para representar toda a comunidade LGBT, sendo um reflexo da

³ O significado de gênero que utilizo ao longo do trabalho tem por base o conceito de Joan Scott (1990, p.14-16): “O gênero é um elemento constitutivo das relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos. E o gênero é o primeiro modo de dar significado às relações de poder”. Importa, para a análise que será aqui realizada, a fluidez da idéia de gênero, que é relacional. Essa categoria gênero, por se construir na relação com o outro, está em constante transformação. Importa também perceber que há uma hierarquização nas relações que envolvem gênero onde o masculino está ligado a poder, virilidade, ação; e, o feminino, por outro lado, representa passividade, domesticidade, aceitação. Em um rearranjo infinito de práticas permeadas pela dicotomia de apenas esses dois polos antagônicos, o gênero extravasa muito as questões de oposição entre mulheres e homens ou entre gays e heterossexuais. O gênero está em toda a relação em que esses dois polos (passividade/atividade) se opõem. Assim, podemos observar gendrificação nas mais diversas relações, como as que se dão entre patrão e empregado, entre países (dominador e dominado), e tantas outras onde essa dicotomia está colocada. Como diz Butler (2003), gênero contém poder e o poder está contido no gênero.

⁴ Utilizo “poder” no sentido foucaultiano dos micropoderes, presentes especialmente nas relações entre indivíduos e, muitas vezes, agindo inclusive de maneira sutil, mais constituindo-os do que propriamente reprimindo algo pré-existente ao exercício desse poder. Ver *Microfísica do Poder*, Foucault (1996).

tendência de ofuscamento das lésbicas, bissexuais, transexuais, travestis e transgêneros pelos gays dentro dos grupos LGBT.

O MUDD*Se, segundo documento organizado pelos próprios fundadores em abril de 2011, busca constituir-se como meio de denúncia e divulgação dos casos de preconceito de gênero e orientação sexual dentro do campus universitário, além de promover debates sobre o tema, propiciar a inclusão de travestis e transexuais no meio acadêmico, bem como ações e intervenções em questões que dizem respeito ao preconceito, à exclusão, à agressão física ou verbal por motivações homofóbicas ou machistas. O MUDD*Se tem como espaço de atuação a UFJF, sendo seus integrantes universitários de diversos cursos como Pedagogia, Comunicação, Direito, Geografia, Psicologia e Matemática, estudantes da UFJF, e de outras universidades, sendo que o grupo já teve inclusive um membro do ensino médio. O primeiro evento realizado pelo grupo ocorreu no dia 17 de maio de 2011 em comemoração ao dia nacional de combate à homofobia. O evento ocorreu no Instituto de Ciências Humanas (ICH) da UFJF, com a exibição de um filme com temática LGBT e duas mesas de debates, e tinha o objetivo de marcar presença dentro espaço universitário e divulgar a existência do grupo. Para este evento e outros, realizados ao longo de 2011, o grupo teve apoio de diferentes instituições, de acordo com a disponibilidade e a disposição de cada uma nos diferentes momentos. Entre elas: uma ONG LGBT local, o Movimento Gay de Minas (MGM); e a Associação Brasileira de Psicologia Social (ABRAPSO); a Rede Mineira de Grupos Universitários em Defesa da Diversidade Sexual (RUDs); eventualmente também do Diretório Central dos Estudantes (DCE) da UFJF e de Pró-reitorias da UFJF. Esses apoios são essenciais para o sucesso na concretude dos eventos que o MUDD*Se se propõe a organizar. No entanto, muitas vezes irrompem tensões e surgem boatos de tentativa de cooptação do grupo por alguma instituição maior ou partido político. A tentativa de constituir o grupo como independente na medida em que ele aceita apoio de outras instituições aparece como fundamental para a compreensão das relações externas do grupo. As relações internas podem ser entendidas especialmente pelo eixo central de horizontalidade que perpassa a organização do grupo desde o começo da observação de campo (maio de 2011). A organização variou de totalmente horizontal, sem nenhum tipo de hierarquias, a um sistema de direção rotativa, com três cargos simultâneos de diretores, e um estatuto que incluía pormenores acerca de quem poderia ou não votar no grupo (dependendo da frequência às reuniões) e quais faltas poderiam levar um membro

à expulsão. Esse sistema ficou vigente por alguns meses e perdeu força após um racha em que dois diretores saíram do grupo, acusados de não terem se comprometido o suficiente com as obrigações. Hoje os poderes estão mais difusos dentro do grupo e discute-se a suspensão total de cargos de diretoria e o retorno à horizontalidade sem cargos. Além disso, os cursos de graduação são forte diferenciador entre os membros do grupo. Estudantes identificam-se mais a partir do instituto que frequentam do que pela orientação sexual de cada um. Aliás, esse ponto é especialmente interessante porque não existe a necessidade de um integrante definir-se em alguma categoria LGBT para ingressar no grupo. O grupo tem membros heterossexuais e já presenciei conversas informais em que os indivíduos tentam classificar-se, mas não obtêm sucesso. Presenciei também conversas em que os indivíduos mesmos reconheceram essa não-necessidade de classificarem-se, e avaliaram-na como positiva.

Em reunião no dia 23 de julho de 2011, uma das integrantes pergunta: *“Eu tenho cara de lésbica?”*. Diante da surpresa, outros integrantes demoram a responder, e ela continua: *“Nesse grupo é engraçado... As pessoas não têm que falar o que são”*. Outra integrante responde: *“É meio desnecessário. As vezes a gente comenta dessas coisas em off. Eu e o **** zizamos muito o **** porque ele estava namorando com uma menina”*. E a primeira continua: *“Mas acho bacana as pessoas não serem obrigadas a se expor, como são em outros grupos”*.

Isso ocorre porque se entende que as experiências podem ser múltiplas e não há a necessidade de uma nova rotulação do indivíduo a cada experiência⁵. Mesmo assim, escuta-se que “Viado gosta é de festa” como se ainda houvesse, em algum “lugar” uma essência do homossexual.

A Análise do Discurso é um método extremamente útil para refletir acerca da afirmação que tanto apareceu na etnografia. Isso porque, um dos pressupostos da Análise do Discurso é de que a língua não pode ser estudada de forma desvinculada do contexto no qual ela está inserida, sendo que o significado do que é dito varia de acordo com quem está falando e com o contexto no qual o indivíduo falante encontra-se. (BRANDÃO, 2004; ARALDI, 2005, p. 324)

Assim, é preciso ter em mente que o significado do discurso varia de acordo com quem é o falante (a posição que ocupa) “uma vez que o sentido não se depreende da materialidade discursiva, mas de uma série de relações a serem estabelecidas entre o

⁵ Podemos pensar na noção de “fluidez sexual” de Diamond *“Sexual fluidity”* (Diamond 2007 *apud* Heilborn, 2009) onde podem haver sucessivas trocas de parceiros sexuais de sexo biológico diferentes, Afastando-se a possibilidade de construção de identidade a partir do sexo.

enunciado, seu enunciador e o amplo contexto que envolve a enunciação.” (ARALDI, 2005, p. 324).

Ou, nas palavras de Pêcheux (1975):

“as palavras, expressões, proposições mudam de sentido segundo posições sustentadas por aqueles que as empregam, o que significa que elas tomam o seu sentido em referencia a estas posições, isto é, em referencia as formações ideológicas [...] nas quais essas posições se inscrevem” (PÊCHEUX apud BRANDÃO, 2004, p. 77)

Assim, não é possível pensar essa afirmativa – “Viado gosta é de festa” – sem levar em conta os sujeitos que as pronunciaram: viados e sapatões, em sua maioria; ou estudantes que muitas vezes sequer se enquadram em uma dessas categorias, mas que, politicamente, aceitam os termos “lésbica” ou “gay”, apesar de defenderem que essas rotulações também podem ser essencializantes e reificadoras da heteronorma – daí o grupo auto-denominar-se “em defesa da *diversidade* sexual” e não “LGBT”. Também não é possível partir para uma análise séria do que está sendo dito sem levar em conta o local em que esse discurso é produzido: no seio de um movimento social em defesa da diversidade sexual e da não-rotulação dos sujeitos por suas práticas sexuais e/ou por não apresentarem comportamentos compatíveis com o que a sociedade espera de seu sexo. Além disso, é necessário ter em mente o contexto da produção desse discurso, e o tom que sempre toma. Respectivamente: reclamação e lamento. Fala-se que “Viado gosta é de festa” em tom de quem reclama estar trabalhando para a conquista de direitos daqueles que “só querem saber de festa”⁶. Fala-se em tom de quem lamenta comparar o público das palestras e seminários – frequentemente esvaziados – ao público das festas organizadas pelo próprio grupo (de encerramento da II Semana da Diversidade Sexual, por exemplo) que atraem um número muito maior de pessoas e, aparentemente, uma variedade mais significativa de classes sociais e de subsegmentos LGBT: barbie, urso, gilete, além de diversos subgrupos de lésbicas, ou “mulheres que se relacionam sexual e afetivamente com outras mulheres”⁷, bissexuais, transexuais e travestis.

⁶ Toda a empreitada política tem o problema do carona (*free rider*): aquele que não trabalha mas se beneficia dos direitos conquistados. Para ver uma discussão a respeito desse assunto: Wanderley Guilherme Dos Santos (1994).

⁷ Utilizo os termos “homossexual”, “lésbica”, “sapatão” e a versão mais atualizada e politicamente mais correta: “mulheres que se relacionam sexual e afetivamente com outras mulheres” de forma quase aleatória propositalmente. Todos os termos estão presentes nessa mistura de movimento social e academia. Eles são carregados de sentidos tão díspares quanto se possa imaginar, dependendo de quem os enuncia e de qual o contexto da situação. De forma bem grosseira eu poderia dizer que “homossexual” é um termo do campo médico-biológico e “lésbica” uma tradução para importação do termo internacional “lesbian”. Por isso, esses dois termos são mais frequentemente utilizados no campo das políticas públicas e da luta por direitos. “Sapatão” é um termo mais “chulo” e, por isso, frequentemente usado em situações mais descontraídas entre “iguais” ou entre os “de dentro” do grupo. Também por ser mais “chulo” é mais ofensivo quando enunciado por alguém “de fora”, com alguma carga pejorativa. Por último, “mulheres que se relacionam sexual e afetivamente com outras mulheres” é um termo mais acadêmico e que está

O pequeno público das palestras era um incômodo constante entre os membros, que comemoravam nos dias em que os auditórios ficavam um pouco mais cheios, durante a II Semana da Diversidade Sexual. Uma professora, que acompanha e apóia o grupo desde seu surgimento, também se mostrou insatisfeita com a diferença entre o número de participantes das palestras e o da festa de encerramento:

“Ela falou pra mim que as mesas estavam meio ‘meia boca’. Ela usou esse termo. Mas disse que a festa estava boa e que era isso o que queríamos”; “Mas a gente não fez mais divulgação da festa, fez igual. Não focamos na festa”; “Mas não da pra obrigar o povo a ir às mesas. O que poderíamos fazer?”; “Viado gosta é de festa!”. (Integrantes do MUDD*Se na reunião do dia 19 de novembro de 2011)

Como afirma Brandão (2004):

“No discurso, as relações entre esses lugares, objetivamente definíveis, acham-se representadas por uma série de “formações imaginárias” que designam o lugar que destinador e destinatário atribuem a si mesmo e ao outro, a imagem que eles fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro. Dessa forma, em todo processo discursivo, o emissor pode antecipar as representações do receptor e, de acordo com essa antevisão do “imaginário” do outro, fundar estratégias de discurso” (BRANDÃO, 2004, p.44).

Fala-se em tom de lamento porque todos os que falam e todos os que escutam já concordaram previamente que a militância política “dá mais frutos”, “é mais rentável”, ou ainda “é essencial” à conquista de espaço (físico e político) pela comunidade LGBT. Essa constatação já está no “imaginário” (BRANDÃO, p. 44) compartilhado pelos integrantes, bem como a angústia da busca incessante por público para as palestras, conferências e protestos.

Na página do ENUDS (Encontro Nacional Universitário sobre Diversidade Sexual) em uma rede social na internet foi postada na madrugada do dia 08 de junho de 2012 uma foto que exemplifica bem essa questão (Anexo). O ENUDS é, *“fruto da militância de estudantes dentro do movimento estudantil com a intenção de discutir a*

mais de acordo com as expectativas de classificação dos membros do grupo, até mesmo por sua indefinição. No entanto, as mulheres que participam do MUDD*Se não são simplesmente “mulheres que se relacionam sexual e afetivamente com outras mulheres” sempre. Elas são “sapatas” à noite e nas rodas de conversa, elas são “lésbicas” em folhetos, formulários e nos discursos públicos, em eventos que apresentam o grupo. E elas são “mulheres que se relacionam sexual e afetivamente com outras mulheres” apenas atrás de seus notebooks, dentro da sala de aula ou quando passam os olhos por algum artigo acadêmico ou no momento em que estão se relacionando sexual e afetivamente com outras mulheres. De qualquer forma, o fato é que, no discurso, no momento de reconstruir a realidade que foi vivida e dar sentido (e inteligibilidade) à ela, elas precisam frequentemente de uma categoria mais prática e precisa do que “mulheres que se relacionam sexual e afetivamente com outras mulheres”. Não posso ser entendida ao pé da letra aqui porque o MUDD*Se tem integrantes heterossexuais. No entanto, quero deixar claro que utilizo os quatro termos no intuito de me aproximar do meu objeto. Entendo que se eu dissesse que elas são “mulheres que se relacionam sexual e afetivamente com outras mulheres” eu estaria mentindo. Porque, em diversos momentos, elas são lésbicas. E são “sapatas”. E o presente trabalho não poderia mudar isto sob pena de se tornar impreciso.

luta contra a violência homofóbica dentro das universidades brasileiras”⁸. Criado em 2003, o encontro ocorre anualmente e reúne estudantes militantes do país inteiro. Ele foi citado durante o III Encontro da RUDs como um evento que *“acontece nos moldes acadêmicos, mas tem a horizontalidade da militância”* (Integrante da RUDs durante o III Encontro, em Barra Longa).

A foto postada no dia 08 de junho na página do ENUDS em uma rede social é da parada Gay de São Paulo e, no centro, é possível ver um homem segurando um cartaz, com a inscrição: *“Presidenta, homossexuais não somos moeda de troca”*. Ao pé da foto está escrito: *“...isso prova que lá ainda existem pessoas que vão para reivindicar direitos, mas uma andorinha só não faz verão”* e, depois, em vermelho: *“Menos festa, mais trabalho!”*. O primeiro comentário na foto é do rapaz que a postou: *“Parada gay foi criada para reivindicar e não para festejar! Gays não irão conquistar seus direitos ‘em quanto’ os mesmos que fazem da parada gay um ato político forem minoria”*. Cabe ressaltar que 27 pessoas haviam curtido o comentário apenas cinco horas após a postagem e 26 compartilharam a foto. Outro comentário foi: *“O problema é que uma pessoa, com intenções sérias, desanima ao ver aquela putaria quando chega lá...”*.

Assim, quando falam que *“Viado gosta é de festa”* (e, às vezes, completam: *“...não tem jeito”*) o consenso de necessidade de movimentação social e a angústia fruto da busca por repercussão na sociedade já estão dados. Prova disso é que, constantemente, esse lamento é seguido por alguma frase que não perderia o sentido se fosse substituída por: *“mas ir às festas é melhor do que nada”*. No caso da luta LGBT, que gera tantas reações conservadoras, ocupar os locais simplesmente *“sendo gay”* já é, em si, um ato político. É o bom e velho *“marcar presença”*, *“mostrar pra sociedade que existimos”*, *“dar a cara a tapa”*. Esse é o primeiro paradoxo que *“Viado gosta é de festa”* engendra: um lamento por esses viados (que vão às festas) não estarem na militância, por um lado, e um consolo por esses mesmos viados terem, ao menos, *“saído do armário”* e ser possível ao movimento, quando bem organizado, mobilizá-los e, nem que seja através de uma festa, fazê-los ocupar os locais que se pretende ocupar. Gays que estão dispostos a agirem publicamente como gays já têm potencial para uma boa movimentação social ainda que não participem ativamente de sua organização. Isso porque, se são os hábitos dos gays (relações tidas como promíscuas, com pessoas do mesmo sexo) que ofendem e servem de justificativa para a exclusão em relação à

⁸ [“http://nonoenuds.blogspot.com.br/p/o-enuds.html”](http://nonoenuds.blogspot.com.br/p/o-enuds.html). Acessado em: 08/06/2012.

direitos, esses mesmos hábitos são uma boa arma para a luta política, funcionando como reafirmação do direito à praticar essas relações.

Nesse ponto destaco dois exemplos. O primeiro é o caráter político que a festa de encerramento da II Semana da diversidade teve. Discursos eram feitos de tempos em tempos no microfone, entre as músicas, e os ideais do movimento LGBT eram expressos. Uma transexual integrante do Movimento Gay de Minas (ONG Juiz-forana que apóia atividades do MUDD*Se) ficou com a palavra e fez alguns discursos durante a noite de encerramento da II Semana:

“Esse evento é para aproveitar! Aproveitar e nos respeitar. Esse é um evento de inclusão. De inclusão de minorias. Não só LGBT, mas de todas as minorias. Negros, gays, lésbicas, deficientes. Todo mundo. Então vamos aproveitar.”
(Integrante do MGM, 11 de novembro de 2011.)

Além disso, a ocupação de um local central da Universidade para uma festa LGBT foi constantemente comemorada, havendo uma explícita correlação entre a militância LGBT e a conquista de espaço para a festa em um local onde, até então, os gays não tinham voz.

“Esse evento, no ano passado foi lá em cima [apontando para o prédio antigo do Instituto de Ciências Humanas] naquele espaço pequenininho. Hoje tá sendo aqui, e no ano que vem vai ser ali ó [apontando para o maior local disponível para shows na UFJF]” (Integrante do MGM, 11 de novembro de 2011.)

O segundo exemplo de que a disposição para “ser gay” publicamente por si só já torna o indivíduo útil à militância política é um tipo de manifestação planejada durante o Encontro da Rede Mineira de Grupos Universitários em Defesa da Diversidade Sexual (RUDs Minas, cujo nome é auto-explicativo): “o beijaço”. Vários casais homossexuais beijando-se ao mesmo tempo em determinado local para protestar. Essa é considerada uma forma barata de fazer movimento e com potencial de conseguir bastante aderência. “Organizar beijaços” foi uma forma de luta política comumente colocada em pauta entre os grupos participantes da RUDs. Destaco esse exemplo porque é um tipo de manifestação que parece ter caráter bastante “misto” entre a manifestação política e a festa, tendo aderido elementos desta última (encontro e namoro) para tornar o evento mais palatável ao público gay atraindo, assim, maior número de manifestantes.

Assim, cabe salientar também a inexistência de uma oposição festa/militância, mas a complementaridade desses dois momentos, que formam um contínuo harmonioso na vida dos integrantes do MUDD*Se. Dessa forma, e como será ainda melhor explicitado, a festa constitui-se em um momento de integração dos militantes, além de

interação entre os membros do grupo e outros estudantes, e produção de diferenças entre os “de dentro” e os “de fora” do grupo. Qualquer aparência de oposição entre a festa e a militância deve-se essencialmente à primeira ser, segundo minhas interpretações acerca do imaginário do grupo pesquisado, aquilo que une todos os viados e, a segunda, aquilo que diferencia o “nós”, viados militantes, do “eles”, viados não-militantes.

O segundo paradoxo presente em “Viado gosta é de festa” é relativo ao sujeito da frase e à sua relação com o enunciador. Quem é o viado? Qual viado gosta de festa?

Todos os viados gostam de festa. Isso poderia ser inferido da frase por um ouvinte desatento que não levasse em conta o contexto no qual se fala: o da militância; e o motivo porque se fala: o da insatisfação com o baixo número de militantes *dado* o alto número de pessoas nas festas. O que podemos, então, perceber acerca da relação entre o enunciador (integrante do MUDD*Se) e o sujeito da frase (viado) é que ela é ambígua e complexa e, por isso mesmo, não pretendo esgotar esse segundo paradoxo, mas apenas explicitar as questões que ele suscita. O autor da frase afirma constantemente (ou eventualmente) sua identidade de viado. Ele se considera um viado. No entanto, ao dizer que “Viado gosta é de festa” ele **está** falando de si próprio e **não está** falando de si próprio ao mesmo tempo. Ele não está falando de si próprio no sentido de que não é ele o viado que só gosta de festa. Ele milita. Ele gosta de festa mas não dá motivos para lamentações no campo da luta por direitos, ele “faz a sua parte”. Por outro lado, militando ele reafirma sua própria identidade como homossexual (viado) e nem poderia cogitar afastar-se dessa imagem de viado sob pena de esvaziar de sentido sua participação no movimento: afinal de contas, ele está lutando, em última análise, pelo direito mesmo de “ser viado”. Nesse ponto o enunciador cai em uma forte contradição já que sua afirmação tende a negar sua condição de viado. Ele é viado, mas militar não é “coisa de viado”.

Não acho que seja necessário estender-me muito sobre esse ponto no presente momento. Por hora, basta lembrar que tocar um movimento social – concorrer a editais, ter contas a prestar, ter um nome do grupo a zelar – demanda um tempo e uma energia que não podem ser previstos quando se começa o empreendimento. Dependendo, então, (1) da participação dos outros membros (alguns eventualmente desistem do empreendimento no meio do caminho, deixando os outros sobrecarregados); e (2) do número de problemas que surgirem após o começo das atividades; é que os integrantes do grupo saberão o volume de trabalho que têm⁹. Assim, esses viados enunciadores da

⁹ É conhecido nas universidades o jargão de que “quem faz movimento social não ‘se forma’”. No MUDD*Se, uma das experiências partilhadas era muitos dos integrantes estarem com leituras atrasadas,

frase “Viado gosta é de festa”, que lutam pelo direito de ser homossexual e ser aceito dessa forma, inclusive conquistando espaços para “festas gays” negam sua própria condição de viado ao se verem obrigados a aceitar que outros aproveitem as festas enquanto eles trabalham. Envolto em compromissos e tarefas ligadas à conquista de espaço para as festas, esses viados (e essas lésbicas, propositalmente invisibilizadas até agora no presente trabalho, já que foram invisibilizadas no seio do objeto, quando membros do grupo enunciavam que “Viado gosta é de festa” e não “LGBTs gostam é de festa”) buscam retornar à sua condição de viado (que gosta mesmo é de festa), afastando-se da noção de, talvez, “um conservador, em certinho, que não gosta de festas” reafirmando que ele próprio gosta de festa e não abre mão da festa.

“Vamos fazer uma barraca do beijo?”; “Não vai ficar promíscuo?”; “A promiscuidade faz parte. A gente quer direitos, mas quer putaria também”. (Integrantes do MUDD*Se durante a reunião do dia 17 de setembro de 2011, preparando a II Semana da Diversidade Sexual da UFJF)

Ele faz isso de maneira simples e plausível: participando da festa, afirmando o caráter político da festa e anunciando as formas pelas quais ele se identifica com aquela comunidade.

Depois de um dia inteiro de reunião, durante o III Encontro da RUDs, os participantes compraram cerveja e organizaram uma festa. A bebida e a música duraram umas boas horas. No entanto, a farra da noite anterior não gerou atraso na reunião marcada para o domingo de manhã. Quando cheguei à sala da antiga casa onde ocorria o evento, já estavam lá representantes de todos os grupos, prontos para mais um turno de discussão. A aceitação de uma noite cultural, com música e cerveja, ao final dos eventos de sábado pareceu unânime. Por outro lado, a questão sobre o que estaria em primeiro lugar (se a festa ou a organização dos movimentos) nem precisou ser levantada, já era consenso entre todos.

Para resumir, emaranhado nos trâmites burocráticos que a militância impõe, parece que o viado vê seu discurso de promoção de “comportamento subversivo” em relação à heteronorma – ou em relação às normas (que, de modo geral são orientadas de uma perspectiva heterossexista) – distanciar-se de sua prática diária. Mais do que isso, ele próprio reafirma com frequência que “Viado gosta mesmo é de festa”, construindo uma noção de “viado” distante de sua própria vivência enquanto homossexual¹⁰.

ou devendo trabalhos aos professores, fazer provas sem estudar e desistir de matérias para dar conta dos afazeres durante a II Semana da Diversidade Sexual. Esse ponto é interessante e mereceria uma outra análise.

¹⁰ A incoerência da busca pela criação de uma Identidade homossexual já podiam ser observada em MacRae (1990), como afirma Peter Fry: “Como muitos movimentos de libertação, o movimento homossexual brasileiro esposou um ideal anti-autoritário, pressupondo a igualdade de todos seus

No entanto, ao buscar esmiuçar tanto essa frase corro o risco de ser mal interpretada. Não quero dizer que o enunciador da frase é um oportunista, manipulando os outros viados com as festas que organiza e, muito menos, que ele adere de forma artificial ao gosto por festas para poder enquadrar-se sob a sigla LGBT. Muito pelo contrário. O enunciador gosta, sim, de festas e não abre mão delas. Até porque, ele próprio provavelmente teve seu “ingresso” no “mundo gay” através das festas e deriva daí o respeito às festas como local “sagrado”, que deve ser protegido e defendido, afinal, a festa gay é um dos únicos “lugares” dos quais o gay pode desfrutar plenamente¹¹. No entanto, busco deixar claro apenas que, ao afirmar que “Viado gosta mesmo é de festa”, o que está sendo dito vai muito além do “eu gosto de festa”. Aliás, “eu gosto de festa” não é dito porque já está dado no contexto, no “imaginário coletivo” (BRANDÃO, 2004), que todos gostam de festa. Ao invés disso, a mensagem que está sendo passada diz respeito a, retomando o que foi dito até aqui, (1) uma distinção entre “os que só querem saber de festa” e “os que gostam muito de festa mas também militam”, entre o “eles” e o “nós”, tão caro à antropologia; e, (2) a afirmação de uma identidade gay, aparecendo o gosto por festas como essência do viado. Não é possível deixar de destacar também o próximo ponto que será abordado: (3) a afirmação dessa identidade gay como homogeneizante de uma noção de homossexualidade que esconde hierarquias, fazendo a hegemonia gay sobre os outros grupos aparecer como universalidade do “gay” como representante legítimo de todas as outras letras.

O terceiro paradoxo também é referente ao sujeito da frase: o viado. Novamente pergunto quem é o viado, mas dessa vez não para responder sobre sua militância incessante ou sua “vadiagem” nas festas, mas para saber qual o “sexo biológico” desse viado. Qual o desejo sexual desse viado? Estamos falando da classe (se é que se pode

membros . Este mesmo ideal supunha também uma semelhança fundamental e como que essencial entre os militantes . Na sua análise do nascimento, organização, cisão e relativo desfalecimento do movimento, MacRae(1990) mostra como este ideal esbarrava constantemente contra outros menos explícitos. Os militantes não eram tão iguais assim” (Peter Fry, 1989, prefácio à obra de MacRae, 1990, pag. 15); “As abordagens sociológicas e antropológicas da questão partem do princípio de que não faz sentido pensar em uma essência comum a todos os que são rotulados como homossexuais” (MacRae, 1990, p.48).

Butler (2003), utilizando Foucault, e desdobrando a noção deste autor de que “sistemas jurídicos *produzem* os sujeitos que subsequentemente pretendem representar” (Butler, 2003, p.18), fala que “o sujeito feminista se revela discursivamente constituído, e pelo próprio sistema político que supostamente deveria facilitar sua emancipação, o que se tornaria politicamente problemático. (...) A crítica feminista também deve compreender como a categoria das “mulheres”, o sujeito do feminismo, é produzida e reprimida pelas mesmas estruturas de poder por intermédio das quais busca-se a emancipação.” (Butler, 2003, p.19) Diante disso, Butler (2003) sugere que esses mesmos efeitos são percebidos durante a cristalização de uma identidade homossexual já que “a postulação da identidade [é] um princípio culturalmente restrito de ordem e hierarquia” (Butler, 2003, p.47.).

¹¹ Simões e Facchini (2009), Facchini (2002) e França (2006) são alguns dos trabalhos que retratam o “gueto” como o lugar onde os homossexuais primeiro ocuparam a vida pública. França (2006) faz um estudo sobre os lugares ocupados pelos gays, mostrando como o “gueto” institucionalizou-se em bares e casas noturnas, muito diversas entre si, sendo estes os locais “dos gays” na cidade de São Paulo.

chamar assim) LGBT como um todo? Estamos falando aqui do viado “clássico”. O que nasceu homem, com os privilégios da casta masculina (direito à vida pública, estímulo à independência e autonomia), que provavelmente é branco, tem um nível de renda e escolaridade mínimos e, em seus relacionamentos monogâmicos, constrói uma relação em moldes heteronormativos. No entanto, pretende-se representar a bandeira LGBT como um todo, já que, se meu objeto diz que “a palestra estava vazia porque viado gosta de festa” ele perdeu em algum lugar as outras três letras. Onde estão as lésbicas, os bissexuais, os transexuais, travestis e transgêneros? Essas categorias simplesmente não estão representadas por essa frase. Posso afirmar isso especialmente porque é consenso entre os membros do MUDD*Se que “a noite LGBT tem muito mais viado do que lésbica”. Entre muitos, um exemplo é o diálogo ocorrido na reunião do dia 03 de setembro de 2011, quando se comentava que, ao ir a bares, boates e shows, muitos gays podiam ser encontrados, mas poucas lésbicas. Nesse momento um dos integrantes diz:

“Claro. Isso porque, quando começam um relacionamento sério, dois gays passam a sair juntos. Duas lésbicas, ao contrário, viram ambas donas-de-casa.”; Diante disso, outra integrante completa: *“É. Também porque, se sair, arruma barraco.”*; E o primeiro continua: *“Depois termina, fica dois meses em depressão e aí volta ‘com tudo’ para as festas.”*(Diálogo entre dois mudd*seanos na reunião do dia 03 de setembro de 2011).

É fácil perceber que a noção de “mulher, logo, dona de casa” está arraigada seja ao dia-a-dia das lésbicas (ou seja, “mulher, logo, dona de casa” não é uma associação subvertida por “mulher que come mulher” ou “mulher que tem a sexualidade ‘quer’”), seja no interior do próprio movimento, ao reproduzir uma imagem de mulher como ser doméstico, marcadamente voltada à vida privada, distante da vida pública. Podemos pensar no argumento de Butler (2003) apresentado no início do presente artigo para melhor compreender esses sujeitos. Eles são constantemente aprisionados pelas categorias que utilizam na busca de emancipação jurídica ou política. Logo, podemos perceber que o mesmo mecanismo que opera no mundo heterossexual para a diferenciação em hierarquias com variadas formas (e possibilidades, ou não) de acesso ao poder ainda pode ser vista operando dentro de um movimento universitário em defesa da diversidade sexual. Digo “ainda” porque houve, nos últimos anos, uma tentativa aberta de inclusão de outras minorias sob a sigla LGBT e promoção da visibilidade dessas minorias¹², o que não significa que haja uma marcha inexorável para a inclusão. Muito pelo contrário. Há um esforço consciente de inclusão, convivendo

¹² Sabemos que a sigla foi de GLBT para LGBT por uma consciência interna ao movimento homossexual internacional da necessidade de promover a visibilidade da causa lésbica, por exemplo.

com diferenciação e disputa por poder internamente aos grupos. Não entrarei muito nesse ponto. Por hora, basta que compreendamos que o terceiro paradoxo consiste na representação de uma grande diversidade LGBT apenas pelo segmento já reconhecidamente dominante dentro dessa categoria: o de homens gays.

O presente trabalho serviu para compreendermos o significado de uma frase recorrente no seio de um movimento universitário pela defesa da diversidade sexual: “Viado gosta é de festa”. Pudemos perceber que, embora os enunciadores dessa frase se constituam como sujeitos que gostam de festas, esse não é o tema que esteve sendo abordado enquanto tais frases eram proferidas. O que ressoava era um desconforto relativo ao esvaziamento de eventos acadêmicos ou conferências políticas, conjugado à uma satisfação pelo gosto por festas que, embora tomando uma forma quase que de consolo, colaborava para constituir um imaginário do homossexual como boêmio, “alternativo”. Ressoava também uma tentativa de reafirmação da própria homossexualidade, no sentido de que os indivíduos buscavam, com intensidades diferentes, se enquadrar no sujeito da frase. E, por último, destaco a ainda presente primazia do homem gay sobre os outros segmentos LGBT como implícita nessa expressão. Baseei minhas análises nas observações de campo e, propositadamente, procuro consolidar essa reflexão antes entrevistar os integrantes do MUDD*Se. Deixo registrados esses três paradoxos de “Viado gosta é de festa” como uma primeira etapa de um trabalho que poderá ser levado a fundo ou, ainda, tomar novas formas, seja em congresso acadêmico, seja na interação com o movimento estudado.

Bibliografia

ARALDI, Inês Staub. A carapuça da discórdia: uma análise dos discursos que emanam de um gesto presidencial. *Linguagem em (Dis)curso – LemD*, Tubarão, v. 5, n. 2, p. 323-335, jan./jun. 2005.

BRANDÃO, Maria Helena Nagamine. *Introdução à Análise do Discurso*. ed. 2ª. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004.

BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

FACCHINI, Regina. Sopa de letrinhas: Movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90: um estudo a partir da cidade de São Paulo. Tese de doutoramento apresentada à banca em Junho de 2002.

FOUCAULT, Michael. Microfísica do Poder. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1996.

FRANÇA, Isadora Lins. Cercas e pontes: O movimento GLBT e o mercado GLS em São Paulo. Dissertação de Mestrado apresentada em Março de 2006.

GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

HEILBORN, Maria Luiza. Dois é par: Gênero e identidade sexual em contexto igualitário. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

HEILBORN, Maria Luiza. Capítulo. In: VELHO, Gilberto; DUARTE, Luiz Fernando (Orgs.). Gerações, família, sexualidade. Rio de Janeiro: Editora 7 Letras, 2009.

MACRAE, Edward. A construção da igualdade: Identidade Sexual e Política no Brasil da abertura. Editora da UNICAMP. São Paulo: USP. 1990.

SANTOS, Wanderley Guilherme dos. Razões da Desordem. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Porto Alegre: Educação e Realidade, 16(2): p.5-22, jul-dez 1990.

SIMÕES, Júlio Assis; FACCHINI, Regina. Na trilha do arco-íris. Do movimento homossexual ao LGBT. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2009.

Anexo

Lutar pelos direitos! Você está fazendo certo!



Foto tirada na Parada Gay de SP, isso prova que lá ainda existem pessoas que vão para reivindicar direitos, porém uma andorinha só não faz verão, **NECESSITAMOS DE MAIS EXEMPLOS COMO ESSE**
Menos festa, mais trabalho!